

MEMÓRIAS DO TEMPO

Primórdios da Electroencefalografia Infantil em Portugal

MARIA DE LOURDES LEVY

Nos últimos anos tenho procurado dar a conhecer alguns aspectos da história recente da Pediatria em áreas nas quais julgo ter tido alguma intervenção.

Uma área da medicina à qual me dediquei com particular interesse foi a electroencefalografia.

É acerca dessa técnica de diagnóstico, que pratiquei durante toda a vida, que dedico este pequeno texto.

O que escrevo a seguir, apenas de memória, tem talvez algumas imprecisões de datas, de nomes, e até omissões. No entanto, é a história que eu vivi, escrita ao correr da pena e sem preocupações literárias.

Que ela possa interessar, pelo menos, aqueles que como eu, viveram momentos de uma certa excitação, mas também de incerteza, como acontece quando aceitamos um desafio que com perseverança acabamos por concretizar.

Em Dezembro de 1949 teve lugar na sala de Conferências do Hospital de Santo António dos Capuchos, em Lisboa uma sessão conjunta da Sociedade Médica dos Hospitais e da Sociedade Portuguesa de Pediatria, dedicada ao tema "Convulsões Infantis e Electroencefalografia".

Diogo Furtado, director do Serviço de Neurologia do Hospital Santo António dos Capuchos, contactou o Professor Leonardo Castro Freire, então director do Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Marta e responsável pela Cátedra de Pediatria da Faculdade de Medicina de Lisboa, para que este lhe enviasse alguém que, nessa reunião, falasse sobre "Convulsões Infantis".

Jovem interna do serviço, fui eu a pessoa escolhida embora à data tivesse uma especial embirração pelo tema -Convulsões - de tal modo que, nos livros de texto de então, muitas vezes saltava o capítulo dedicado a essa temática. Recém formada, iniciava nessa data um estágio no Serviço de Pediatria, como interna e, como é óbvio, obedeci ao Mestre. Procurei actualizar-me sobre a matéria, lendo toda a literatura disponível, que de resto era escassa.

Passei a dedicar-me ao estudo das Convulsões Infantis, tema que, a partir de então, passou cada vez mais a preencher o meu tempo e ser motivo de preocupação.

Na sessão onde formalmente apresentei o tema⁽¹⁾, tive ocasião de ouvir o Dr. Orlando de Carvalho falar sobre o EEG nas Convulsões Infantis⁽²⁾ e o Professor Diogo Furtado sobre Ondas Cerebrais⁽³⁾.

Orlando de Carvalho era então um jovem neurologista do serviço de Neurologia do Hospital de Santo António dos Capuchos, que se dedicava à Electroencefalografia, técnica aprendida em Paris e muito recentemente introduzida no nosso País, sendo escassos os locais onde então se praticava.

A Electroencefalografia encantou-me pelas suas potencialidades, sobretudo quando ligada à clínica, e foi assim que, com autorização do Dr. Diogo Furtado e apoio do Professor Castro Freire, passei a estagiar no laboratório do Serviço de Neurologia dos Capuchos, então dirigido pelo Dr. Orlando de Carvalho.

Durante meses, todas as manhãs, eis-me a caminho do Laboratório, onde uma amável técnica (cujo nome não me recordo bem, talvez D. Maria da Conceição) paciente-mente me introduziu na técnica que acabou por me acompanhar durante toda a vida.

Precisava porém de um aparelho de Electroencefalografia. Uma dádiva particular de 200.000\$00 (Duzentos mil escudos) feita ao Professor Castro Freire e dedicada ao Serviço de Pediatria permitiu a compra de um aparelho Alvar de 4 canais, com o qual comecei a trabalhar e executar exames Electroencefalográficos às crianças do Serviço de Pediatria. Quando mais tarde, em 1950, fui convidada para 2ª assistente da Cadeira de Pediatria e Puericultura, sugeriu o Professor Castro Freire que "Electroencefalografia Infantil" poderia ser o tema escolhido para uma futura tese de Doutoramento.

E aqui começa a minha história de ligação à Electroencefalografia Infantil, que afinal se confunde em grande parte com a história desse método entre nós, pelo menos no que se refere à criança.

Na posse de um Electroencefalograma, inteiramente à minha disposição, procurei melhorar a técnica e aplicá-la às crianças que acorressem ao rudimentar laboratório então improvisado.

Era primordial, desde logo, conhecer o EEG normal da criança. Para isso procurei crianças "ditas normais" de uma Instituição de Assistência para tentar conhecer o EEG normal da criança em condições de vigília, sono e hiperpneia e confrontar os meus achados com os da literatura.

Conhecer o EEG do recém-nascido normal (ainda envolto em polémica) foi a fase seguinte da minha actuação. Foi assim que, após autorização do Director da Maternidade Magalhães Coutinho, eu própria acompanhada de um segundo elemento, me deslocava directamente à Maternidade, onde estava autorizada a ir buscar o recém-nascido que levava ao laboratório onde seria executado o exame, findo o qual era devolvido à Maternidade.

Fui então penetrando, pouco a pouco, num mundo, para mim, absolutamente desconhecido e, não tendo à minha volta pessoas muito conhecedoras do tema, recorri à literatura. Posso afirmar que, procurei ler "tudo" o que havia, entre nós, sobre o tema.

Frequentei todas as Bibliotecas de Lisboa, sobretudo a da Ordem dos Médicos, nessa altura uma das mais completas e acessíveis de Lisboa, a do Hospital de S. José e a do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, muito actualizada nos temas que me interessavam.

Estávamos a uma curta distância do final da II Guerra Mundial e muitas colecções de revistas estavam incompletas, pois tinham sido interrompidas durante a II Guerra Mundial.

Devemo-nos lembrar que a Electroencefalografia era então uma técnica relativamente recente e que não tinha ainda entrado na prática corrente. Tinha sido Berger que, em 1928, publicara e apresentara os primeiros trabalhos, escritos em alemão, em revistas pouco acessíveis à comunidade científica e que por isso tinham tido de início pouca credibilidade. Seguiram-se os anos da II Guerra Mundial, pelo que podemos dizer que só a partir de 1945, numa Assembleia Geral no Reino Unido, os trabalhos de Berger foram reconhecidos e a partir daí difundidos por toda a Europa e EUA.

Depois de conhecido o EEG da criança normal nas várias idades, usei essa técnica em várias situações clínicas da criança, procurando reflectir sobre muitos trabalhos feitos por autores estrangeiros, muitos dos quais foram convidados para vir até nós com os seus ensinamentos, contribuindo assim para difundir no nosso País este método auxiliar de diagnóstico.

Em 1954 tive a oportunidade de estagiar no serviço de Electroencefalografia do "Hôpital des Enfants Malades" em Paris, sob a direcção de Mme. Lérique Koeclin, personalidade que se dedicou a essa técnica desde o seu início e com quem, ao longo dos anos, mantive relações não só de carácter profissional como também de franca amizade. Madame Lérique Koeclin esteve várias vezes entre nós, convidada pela Sociedade Portuguesa de Pediatria, de Electroencefalografia e Liga Nacional contra a Epilepsia.

Em 1957, na Clínica Pediátrica do Hospital de Santa Maria, tive a possibilidade de usufruir de um pequeno Laboratório, com uma técnica para auxiliar na execução dos traçados, o que permitia alargar este exame e dele beneficiarem as crianças que acorriam à Consulta Geral do hospital, o que em breve levou à criação de uma consulta para crianças com doenças convulsivas – Consulta de Convulsões, – julgamos a primeira consulta dedicada à Epilepsia Infantil em Portugal.

Todo o trabalho realizado de 1949 a 1958 permitiu-me juntar material que me habilitou a escrever uma Dissertação que serviu de base para uma Prova de Doutoramento em 1959⁽⁴⁾.

Entretanto havia já um pequeno número de médicos, sobretudo psiquiatras e neurologistas, a trabalhar nesta técnica, existindo mesmo laboratórios, quer privados, quer em hospitais públicos.

Um passo importante foi o diálogo entre os vários "auto denominados" electroencefalografistas e a criação de um grupo do qual faziam parte a Dra. Dora Bettencourt, do Hospital D. Estefânia, com a qual tive uma colaboração estreita que se manteve pela vida fora, mas também com o grupo de psiquiatras do Hospital Júlio de Matos com os quais trabalhámos para conseguir um estatuto mais alicerçado para a Neurofisiologia (que englobava a Electroencefalografia e a Electromiografia).

Esta foi a base de intermináveis reuniões, de esforços e de boas vontades no sentido de tentar formar uma sociedade que reunisse todos aqueles que se dedicavam a esta técnica, e de tentar que o médico que a cultivasse tivesse o reconhecimento pela Ordem dos Médicos, de modo a que a Electroencefalografia ou melhor, a Neurofisiologia, fosse considerada, se não uma especialidade, uma competência.

Durante toda a década de 70 trabalhou-se no sentido de alcançar este objectivo, delineando-se um "currículum" que foi proposto à Ordem dos Médicos.

Só em 1983, porém, se constituiu, após algumas vicissitudes de ordem burocrática, a Associação Portuguesa de Electroencefalografia e Neurofisiologia Clínica, com escritura notarial de 18 de Novembro, publicada no Diário da República. Inicialmente conhecida como "Sociedade", o seu nome foi alterado para "Associação" por exigências legais.

Durante anos a Associação foi uma secção da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria: Alfredo Aguilar, Benedito Sampaio Ferreira, J. Moniz Botelho e A. Vidal Pinheiro fizeram parte da Comissão Instaladora da Associação.

A primeira sede da Associação foi no Hospital Júlio de Matos e os primeiros Corpos Directivos foram eleitos em 1984. A partir daí, com altos e baixos, e até se tornar independente, a Associação seguiu o destino e a vida de todas as Associações, mantendo-se ainda agora com uma certa vitalidade, com sede no Porto e sob a Presidência da Dra. Luíza Guimarães.

Criada a associação era indispensável criar a competência em Electroencefalografia e Neurofisiologia. Aqueles que cultivavam a técnica há já vários anos, em centros reconhecidos, obtiveram a competência por concurso documental (estivemos entre estes).

A partir de então, o título era obtido por exame na Ordem e obediência a um curriculum então criado e bem definido.

Pela minha parte, procurei acompanhar o destino da Associação, fiz parte dos seus Corpos Directivos, tendo percorrido todos os escalões até à Presidência, colaborei regularmente em todas as suas iniciativas e fiquei sempre ligada ao seu destino até recentemente.

Durante toda a vida me dediquei à Electroencefalografia quer no Hospital (Clínica Pediátrica do H.S.M.), laboratório que chegou a ter o meu nome na entrada e que dirigi até 1992 (data da minha jubilação), quer em regímen privado que mantive até 2001, com a colaboração do Professor Gomes-Pedro. Nestes dois Laboratórios foram realizados milhares de traçados electroencefalográficos, o que se traduziu por uma contribuição para o melhor conhecimento do EEG em clínica infantil e a sua aceitação na prática pediátrica diária.

Outros métodos de diagnóstico têm surgido em neurologia infantil, no entanto, desde que o EEG seja criteriosamente utilizado, continua a ter o seu lugar de eleição no diagnóstico e seguimento dos doentes portadores das várias formas de epilepsia infantil.

Bibliografia

1. Levy M L. Clínica das Convulsões Infantis. *Clin Hig Hidrolog* 1950, 16: 22-7.
2. Carvalho O O Diagnóstico Clínico e Electroencefalográfico nas Convulsões Infantis. *Clin Hig Hidrolog* 1950, 16: 12-21.
3. Furtado D. Os Fundamentos Biológicos das Ondas Cerebrais. *Clin.Hig. Hidjolog* 1950, 16: 3-11.
4. Levy M L. Electroencefalografia Infantil Contribuição Para o seu Estudo, - Dissertação de Licenciatura, 1959, Lisboa.